

A Interface Como Estrutura de Produção do Jornalismo de Fonte Aberta¹.

José Afonso da Silva Junior.²

Doutorando – Faculdade de Comunicação – FACOM – UFBA.

Resumo:

Este trabalho procura discutir como a presença das interfaces simplificadas de geração de conteúdos para a web condiciona o surgimento do jornalismo de fonte aberta. A perspectiva adotada direciona-se a explorar a relação entre a infra-estrutura tecnológica existente, os dispositivos adotados para a prática do jornalismo on-line e a geração de práticas de jornalismo, através de alternativas como o *blog*. O esforço é direcionado no sentido de perceber como, por exemplo, os recursos de apuração, e tratamento de informação jornalística, condicionam categorias razoavelmente estáveis dentro do jornalismo e, que limites se impõem na relação entre a produção de fonte aberta e as práticas jornalísticas.

Palavras-chave:

Jornalismo on-line, interfaces, fonte aberta.

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004.

² Professor Assistente do Departamento de Comunicação Social da UFPE; Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela FACOM-UFBA, Doutorando na FACOM-UFBA. Atualmente pesquisa as relações de geração e circulação de conteúdo das agências de notícias nas redes digitais. Contatos: zeafonsojr@uol.com.br .

“O contrário da verdade não é um erro, mas uma verdade contrária”.
Blaise Pascal.

I – A relação entre a geração de conteúdos de fonte aberta e a base tecnológica operativa nas interfaces.

Com o advento da Internet, um dos pontos afirmados como sendo de mudança radical, tem sido o alargamento do horizonte de possibilidades de produção e circulação de conteúdos. Antes de explorar, no entanto, nesse fenômeno, as particularidades da Internet, percebemos que, esse alargamento se fez presente em determinados momentos na escala de implementação de outras modalidades midiáticas.

O impresso, por exemplo, experimentou a partir de meados do século XIX, um número cada vez maior de publicações e conseqüente aumento do público leitor. O rádio, por sua vez, experimentou o seu *boom* depois da primeira guerra mundial, com a proliferação de emissoras, programas e audiência.

No caso do impresso, a ampliação ocorre tanto pelo aperfeiçoamento das técnicas de produção (surgimento das primeiras rotativas), como pela melhora do suporte³ e, claro, pela existência de um mercado consumidor de letrados. Já no caso do rádio, essa difusão ocorre, sobretudo, a portabilidade, barateamento e simplicidade de uso.

O que esses exemplos têm em comum? Poderíamos apresentar exaustivos casos dos suportes midiáticos em relação a uma ampliação do público correspondente. Todavia, esses dois casos mostram que, a progressiva aceitação de uma mídia depende dos dispositivos tecnológicos que permitam, de um lado, a geração em escala mais ampla de conteúdos; e do outro, condições tecnológicas e sociais para a assimilação desse conteúdo.

Ora, isso resolveria, pelo acúmulo de tecnologias disponíveis e aparição de públicos específicos, a questão da diversidade de informação. Mas, não resolve a contrapartida do problema, ou seja: em que proporção uma tecnologia pode permitir, dentro do mesmo dispositivo tecnológico de criação e circulação, não apenas o acesso ao conteúdo, mas o acesso às estruturas de produção desse conteúdo?

Com a Internet, e as alternativas de dispositivos com base operativa na rede mundial de computadores (que trataremos genericamente aqui como rede, ou web), temos a proliferação em escala mundial das mais diferentes naturezas de conteúdo. Esse é o ponto de distinção em relação ao rádio e ao impresso. Estes são modelos tecnológicos, que,

³ Nesse caso, o exemplo se refere ao próprio papel, que passa a ser produzido a partir da celulose vegetal, e não da reciclagem de tecidos, geralmente de algodão. Esse fator, no caso, multiplicou, à época, sensivelmente o volume de impressos. Cf. *The History of paper and papermaking*. <http://inventors.about.com/library/inventors/blpapermaking.htm>

grosso modo, não superam a unilateralidade das suas aplicações, mantendo o fluxo da informação na sequência: emissor-receptor⁴.

E no caso do jornalismo que se baseia na rede, como essa *permissão* de geração de conteúdos opera? Em que medida ele se combina com o jornalismo, digamos, ligado a estruturas profissionais, que também se transpôs para a rede?

Podemos dizer que, pertinente ao jornalismo, essa questão condiciona não apenas a uma diversificação de novos veículos, ou transposição de veículos já existentes, mas também:

- a) A pluralização das informações que compõem o recorte de produção da notícia e,
- b) Surgimento de práticas jornalísticas desvinculadas do aparato institucional ou empresarial do jornal⁵.

Relativo a esses pontos, o que possuem em comum como característica básica é o apelo ao conceito de fonte aberta, ou *open source*.

Como conceito, ainda em um nível elementar, a fonte aberta, na sua intersecção com o jornalismo, representa uma gama de atividades de produção e divulgação de conteúdos on-line com ligação diferenciada entre jornalista e órgão de produção. Isso tende, numa aproximação com o lugar comum, a aceção de uma imagem de ‘jornalismo sem jornal’, onde, se cliva o remetimento mútuo entre instituição noticiosa e produto noticioso. Podemos também, incluir nessa primeira abordagem, a diversidade de fontes existentes para a produção de informação jornalística, mesmo para os modelos apoiados em estruturas profissionais. O conceito, portanto, incorpora duas dimensões analíticas: uma fonte aberta enquanto desvinculação profissional; e fonte aberta enquanto pluralidade da fonte informativa.

Nesse sentido, é necessário discutirmos até que ponto o conceito de fonte aberta, vindo da informática, pode ser posicionado enquanto analogia, para os seus desdobramentos com o jornalismo.

⁴ Estamos aqui considerando apenas o fluxo da informação, sem levar em conta aspectos presentes em análises dos sistemas de comunicação que envolvem aspectos subjetivos como, feedback, assimilação do conteúdo, recorte cultural e recepção, por exemplo.

⁵ O que colocamos aqui como modelo tradicional de jornalismo, diz respeito a uma estreita vinculação do jornalista como testemunho do fato dentro de um contexto de credibilidade e veracidade da informação. Essa vinculação é historicamente construída, e proporcionada pela estrutura de suporte profissional. (Fidalgo, 2003). No caso há ainda, pelo próprio jornal ou órgão informativo, a ação de acréscimo de uma gama de procedimentos de orientação deontológica presentes na prática jornalística. (Machado, 2002).

Evidentemente nesse caso, a definição se plasma em função de elementos tecnológicos do jornalismo em intersecção com o ambiente das redes, onde, não por acaso, proliferaram as iniciativas de desenvolvimento de sistemas em *open-source*. Há um condicionamento que nasce certamente dessa cultura cooperativa. Porém, para o campo do jornalismo a aplicação desse conceito deve ocorrer dentro de alguns parâmetros que, não têm necessariamente a mesma configuração que no campo tecnológico. Antes disso iremos explorar o surgimento e configuração do conceito.

Como fonte aberta, temos geralmente a concepção derivada da produção cooperativa entre usuários no desenvolvimento de sistemas operacionais, cujo código de funcionamento não é de caráter fechado, ou seja, encriptado, e codificado através de chaves de segurança digitais. Essa prática surge em meados dos anos 80, tendo se ampliado com o crescimento da Internet aberta. O sistema operacional Linux, por exemplo, tem as suas rotinas abertas, podendo qualquer programador, livremente, incrementar seu funcionamento e, simultaneamente, compartilhar seu desenvolvimento com os demais usuários. Em paralelo, há organizações independentes que certificam esses desenvolvimentos e os validam a fim de que os melhores e mais estáveis recursos e aperfeiçoamentos compoñham a próxima versão do *software* operacional.⁶ Assim, essa produção orienta-se segundo uma cooperação descentralizada, porém organizada e certificada, segundo padrões mínimos que garantam a universalidade de compatibilidade do que é desenvolvido com o resto do sistema.

Em adição, o movimento dos que produzem em fonte aberta é claramente uma alternativa contra os sistemas de programação proprietários ou fechados. Apresentam a alternativa de fornecer um produto tecnológico desvinculado de estruturas hegemônicas ou monopolistas, porém, mantendo a preocupação de oferecer um horizonte de compatibilidade e, sobretudo, de eficiência operacional.⁷

Esse ‘espírito’, como veremos, permeia a tônica do conceito de jornalismo em fonte aberta, propondo, um modelo de prática jornalística independente de cadeias de produção hegemônicas. Porém surge aqui um impasse: como manter o que seria o equivalente da compatibilidade e eficiência do campo da informática, para o campo do jornalismo?

⁶ No Brasil, uma das empresas que atuam como certificadoras do pacote operacional Linux é a Conectiva Linux (Cf. <http://www.conectiva.com.br>), no exterior várias organizações também certificam os desenvolvimentos encaminhados. (Cf. <http://www.redhat.com>).

⁷ As tecnologias em fonte aberta envolvem também a elaboração de formatos que suportem conteúdos digitais. Por exemplo, o formato ogg vorbis, é um formato de compressão de áudio e vídeo em formato *open source*, ao contrário do MP3, JPG, WMA, MPEG, que são formatos proprietários e não são *open source*.

A questão inclui pensar na fonte aberta como forma de organização do trabalho em estruturas organizadas no entorno da sociedade da informação, envolvendo, entre outras coisas, delimitar os patamares de compatibilidade e universalidade, ao passo que garantam a independência de categorias distintas da escala de produção (Schwingel, 2002). Não se trata de um modelo anárquico e completamente desorganizado, pelo contrário, é justamente a proposição de uma crítica da hierarquia transposta geralmente do modelo de produção em série, industrial, indiferenciado, em grande escala, homogeneizado e que exige competências específicas para a geração do produto. Um modelo de inspiração fordista, no que toca tanto ao processo de trabalho característico da produção de massa em linhas de montagem, quanto ao sistema de acumulação e regulação hierarquizada.

II – Da forma tecnológica à forma cultural do jornalismo em fonte aberta.

No desenvolvimento do modelo de fonte aberta, a relação central ocorre entre usuários e estruturas tecnológicas. Nessa perspectiva, adotamos a posição que sistemas tecnológicos são produtos de dinâmicas sociais, que por sua vez são definidas pela cultura de determinado ambiente (Castells, 1999, 2001). Nessa relação, para a produção em fonte aberta, há algumas características.

Em primeiro lugar, a idéia do *software* de código aberto por se ampliar com o advento da rede, coloca a contribuição entre usuários dispersos geograficamente como condição para a sua proliferação. Temos, portanto, uma base tecnológica condicionando a cultura cooperativa entre pessoas.

Em segundo lugar, a apropriação dessa condição de produção, permite que os usuários operem um recorte entre o caráter operacional do código no qual estão trabalhando e suas próprias iniciativas, ou sugestões. Dessa forma, a criação em fonte aberta pressupõe essa descentralidade operativa e particularização das características propostas para o produto. Por sua vez, a velocidade da rede abrevia o percurso entre os processos de aprendizagem de manuseio dos dispositivos, tanto pelo uso, como pela própria produção mediante o uso. Assim, segundo o autor, embarcamos em um processo de aprendizagem mediante a produção que se estabelece entre a difusão da tecnologia e seu aperfeiçoamento (Castells, 2001, p. 43). Um ‘faça você mesmo’, originado desse fluxo entre cultura tecnológica e usos da rede.

Nesse quadro, temos, ainda em Castells, o levantamento de três condições que condensam a dinâmica entre usuários, base tecnológica e o conseqüente surgimento da fonte aberta, a dizer:

- A arquitetura da rede deve ser de caráter aberto, descentralizado e distribuído e multidirecional em sua atividade;
- Todos os protocolos de comunicação e seus desenvolvimentos devem ser abertos e serem susceptíveis de modificação;
- As instituições que gestionam a rede devem construir-se de acordo com os princípios de transparência e cooperação.

O que temos, sobrepostas ao problema, são duas esferas distintas. A primeira é o próprio quadro de surgimento do conceito de fonte aberta, conforme caracterizado nos três pontos acima. A segunda esfera é relativa às próprias características das interfaces dinâmicas. Como modelo condicionante da geração de conteúdos jornalísticos, as mesmas, por sua característica operacional, oferecem uma facilidade na dinâmica de publicizar conteúdos. Ora, na interpenetração dos dois fatores do problema, há características tanto de uma esfera como de outra. Há tanto elementos que remetem às condições elencadas por Castells, como características emanadas das interfaces dinâmicas.

De um modo geral, na sobreposição dessas esferas, o problema é, em que medida o jornalismo se apropria e se inspira em modelos existentes na idéia de produção em fonte aberta. Como assinalamos neste trabalho, a relação sobre a fonte aberta concentra-se sobre a produção da informação em cadeias diferenciadas, ou o acesso à pluralidade de fontes. É, portanto, uma dinâmica que recai sobre o fluxo do conteúdo.

Retomando as três condições apontadas por Castells, podemos indicar os limites de se transpor o conceito de fonte aberta da informática para o jornalismo. Assim, proporemos um quadro de entendimento das características tecnológicas, onde as mesmas são aplicadas às demandas específicas de produção do jornalismo, incluindo, aí, a presença de dispositivos específicos, através de interfaces. A primeira condição, ou seja, ao caráter aberto, descentralizado, distribuído e multidirecional da operação e atividade, temos que, a maioria dos dispositivos de produção via interface utilizados tentam agregar esses fatores. A busca tem sido na direção de criar estruturas de funcionamento que incorporem essas características. Ou seja, possam ser atualizadas dentro de certos parâmetros determinados, que operem de qualquer ponto na rede e que permita a geração de conteúdos de forma

complementar e em qualquer lugar. Assim, o desenho operacional procura um modelo que possa ser executado em qualquer computador conectado à Internet, independentemente da sua “família” de *hardware* (PC, Mac, ou UNIX). A distribuição das tarefas pode ser operada de qualquer lugar, tornando irrelevante o local físico da produção do conteúdo no que toca à operacionalização, e não, claro, a factualidade do evento. Um mesmo aparato tecnológico pode ser utilizado com diversas finalidades, (multidirecionalidade) alimentando determinado site com modalidades diferenciadas (som, imagem, vídeo, texto, infografia).

A questão de atrito com a prática jornalística, nessa primeira condição, parece nos ser, claramente, a dissociação presente no controle dos processos editoriais. Grande parte do esforço de implementação de dispositivos em organizações de imprensa visam, notoriamente, assumir essas etapas tecnológicas de produção como forma de assegurar o controle por parte do órgão de imprensa.

Já na segunda condição, ou seja, os protocolos de comunicação e seus desenvolvimentos devem ser abertos e serem susceptíveis de modificação; esse problema, quando transposto para o jornalismo, merece uma relativização. No campo da informática, protocolo significa: o apanhado de normas e especificações técnicas que regem a transmissão de dados entre computadores; protocolo de transmissão de dados. Nesse contexto, transpondo o conceito para o jornalismo, propomos, como definição do protocolo jornalístico: o conjunto de normas reguladoras de ações profissionais, que visa, conciliar as dinâmicas internas de fluxo da informação no sistema de produção de conteúdo.

Essa transposição para a prática do jornalismo, coloca, ao nosso ver, dois conflitos principais:

O primeiro, em casos onde a prática de gestão de conteúdos está dentro de uma cadeia hierárquica, onde o caráter operacional exige uma revisão criteriosa de edição do material produzido. Isso é uma característica do jornalismo que está em conflito com a segunda condição indicada por Castells. Ora, todo conteúdo dentro da cadeia de produção do jornalismo pressupõe um caráter de edição, que, segundo as mais diferentes orientações, sofrem ajustes na sua natureza de seleção e articulação das informações. Ou seja, a base institucional de um jornal, por exemplo, é um fator, que ao lado das características tecnológicas da produção, enquadra, dentro de certos limites, a natureza do conteúdo. Os protocolos técnicos também são orientados pelos pressupostos editoriais, por exemplo, a despeito de possuírem operacionalmente uma flexibilidade, uma abertura maior.

O segundo conflito, é, se existe uma operação aberta no que toca os protocolos, que modalidades de jornalismo poderiam emergir, mantendo a característica jornalística, ao mesmo tempo em que se está desvinculado de uma base institucional?⁸ No que a abertura do protocolo, ou normas de operação impactam nos procedimentos de apuração, tratamento e edição do conteúdo? Ao nosso ver, a edição e o tratamento do conteúdo são os que sofrem mais alterações das suas normas com a flexibilidade das normas presentes na geração em fonte aberta.

Para as experiências de veículos on-line, gerados em fonte aberta, como por exemplo, os *blogs* de jornalistas, a edição, tem um caráter diferenciado da característica de seleção (corte, inclusão ou exclusão); articulação (combinação e ordenação numa ordem específica); e fechamento⁹. Assim, adquire uma forma, onde essas características da edição são desvinculadas de um caráter institucional verticalizado. O tratamento e a edição, nesse caso, não são a norma. Nesse molde, editar se aproxima mais do caráter de produto pronto para circular, do que processo de organização e consolidação das informações. A questão é polêmica. O ponto crítico consiste na existência de *blogs* de jornalistas que noticiam conteúdo diferenciado da orientação da empresa onde trabalham. Podendo haver a possibilidade de descompasso entre os conteúdos gerados segundo as orientações editoriais de uma empresa, de um lado, e a individualidade do jornalista que cria o *blog*, na outra.¹⁰

A terceira condição de Castells, ou seja: a gestão da rede deve construir-se nos princípios de transparência e cooperação, parece-nos a menos aplicável à realidade do jornalismo, ou aplicável apenas parcialmente. Primeiro, por a cooperação, dentro das práticas de geração de conteúdos jornalísticos em rede, poder ser contemplada também como função hipertextual da multivocalidade.

A multivocalidade surge, (...) como a possibilidade de construção textual não por um autor apenas, e sim por diversas consciências. A multivocalidade se engendra no processo hipertextual no que toca as possibilidades de escrita por vários autores. (Silva Jr, 2000).

Quanto à afirmação da transparência, isso não nos parece aplicável. O jornalismo, enquanto dinâmica social e midiática, sobrepõe dinâmicas de natureza aberta, ou pública; e fechada, ou privada. Assim, se temos a possibilidade cooperativa, ou multivocal, operando

⁸ Um jornal, revista ou canal de televisão historicamente estabelecidos podem ilustrar como exemplo, o que chamamos aqui de base institucional.

⁹ Como fechamento remetemos ao estabelecimento de uma unidade narrativa relacionada internamente à própria notícia e ao conjunto de referências, naquilo que na classificação hipertextual chama-se de intertextualidade e intratextualidade (Cf. LANDOW: 1997)

¹⁰ Cf. O exemplo da CNN, citado na página 14.

como um dos aspectos, a transparência esbarra na própria constituição do jornalismo enquanto modelo fechado no que toca a gestão da produção do seu conteúdo.

III – Aproximando as esferas do jornalismo e da fonte aberta.

A questão parece ser em que medida o jornalismo pode adaptar-se ao modelo de produção em fonte aberta. Ao nosso ver, ao se adotar, por exemplo, um recurso de edição através de uma interface, há um reposicionamento das características de produção e circulação presentes nos modelos de inspiração fordista. Ora, se uma interface de trabalho, dispensa o conhecimento de códigos específicos, temos, nesse momento, uma ampliação da característica da própria Internet enquanto território aberto para publicização. Nesse sentido, o uso de interfaces constitui-se não apenas como um recurso presente na produção de veículos jornalísticos on-line, ele supera essa categoria na direção de ser uma forma cultural de produção de conteúdo, à medida que para ela convergem os esforços e práticas correntes.

O contexto tecnológico e social das redes proporciona um binômio: tanto há facilidade de produção e edição de conteúdo, como se reduzem significativamente as etapas e barreiras envolvidas na circulação desse conteúdo.

Assim, há, um reposicionamento entre os dispositivos tecnológicos e aspectos da prática jornalística. Temos a interface computacional orientada ao usuário atuando ao mesmo tempo como *display* do produto jornalístico editado e circulante, e também como ferramenta de produção. O dispositivo tecnológico permite assim, um multiuso. A questão parece ser, como essa disponibilidade tecnológica de recursos de apuração, tratamento e distribuição de notícias, reunidas em um mesmo ambiente operacional, possibilita a relativização de categorias razoavelmente estáveis dentro do jornalismo, no que toca ao necessário vínculo e comprometimento do jornalista com estruturas de produção noticiosa.

Porém, para as interfaces atingirem esse estágio há um aperfeiçoamento dos recursos, no que toca à usabilidade e eficácia. Propomos aqui, caracterizar essa relação da geração dos conteúdos on-line com os usuários em três níveis, a dizer:

Propomos aqui, caracterizar essa relação da geração dos conteúdos on-line com os usuários em três níveis, a dizer:

- O nível inicial, ou **especialista**, que vai aproximadamente de 1995 até 1997, onde se demandava o domínio do próprio código de apresentação das páginas. Para a geração de páginas on-line era necessário saber a função de

uma série de comandos (ou *tags*), que orientavam a apresentação de conteúdos on-line.

- O intermediário, que nomeamos aqui como **semidinâmico**, surge em 1997 e sustenta-se como modelo predominante de edição até aproximadamente 2000. A característica é a incorporação dos recursos orientados segundo a lógica de programação WYSWYG¹¹. Esse modelo já facilita bastante o trabalho de edição, devido ao fato de utilizar a simulação visual como forma de prever e antecipar, ao mesmo tempo em que se edita, a disposição final da página.
- O terceiro nível são as interfaces **dinâmicas** de geração de conteúdo. Nesse estágio trata-se de ferramentas que operam através de roteiros (*templates*) onde se categorizam uma série de entradas tais como: chamadas, títulos, sub-títulos, comentários, complementos, texto principal, links para outros textos, fotos, gráficos, etc. Nessa etapa, o conhecimento, por parte do usuário, de técnicas de programação e ou editoração é completamente dispensado em prol da geração automatizada de páginas de conteúdo. Nessa operação, as informações lançadas em cada um dos campos ou categorias são armazenadas em uma base de dados, e ao clique do leitor em um *link*, a página é chamada segundo as orientações fornecidas, gerando em seguida uma página de texto.

Sem querer advogar em favor de um certo ‘darwinismo dos dispositivos’, onde formas mais adequadas de tratamento tecnológico suplantam as anteriores, temos que admitir que, atualmente, os modelos dinâmicos são hegemônicos na geração de conteúdos. Na verdade o que ocorre é uma facilitação em larga escala dos recursos de produção, gerando no caso do jornalismo¹² uma ampliação dos modelos para geração de alternativas de publicização.

Nesse trabalho, problematizamos o conceito de jornalismo em fonte aberta dentro de duas frentes. A primeira, no sentido da liberação do pólo de emissão de um vínculo

¹¹ Sigla em inglês para *what you see is what you get* – algo como: o que você vê é o que você obtém.

¹² As ferramentas dinâmicas direcionadas à alimentação de sites jornalísticos, geralmente, possuem uma complexidade operacional maior que as de editoração de um blog ou foto-log, embora o princípio que as gerem sejam os mesmos. Nas ferramentas de atualização jornalística, as categorias de entradas e recursos são mais variados. Exemplos dessas ferramentas são o notitia, (ver site <http://www.notitia.com.br>) e o zope (<http://www.zope.org>) . Grosso modo, esses recursos atuam como um gerador de páginas, tendo como fundo uma base de dados organizada segundo as entradas ou categorias fornecidas.

institucional. Procuramos, a partir do levantamento das condições necessárias para o estabelecimento do conceito de fonte aberta, indicar alguns limites para essa frente do problema. Esses limites são dados, ao nosso ver, por pressões existentes dentro do campo de práticas do jornalismo. Evidentemente, na transposição de conceitos de uma área à outra (da informática ao jornalismo) é necessário operar essa relativização.

No que toca ao uso da própria rede como forma de apuração e verificação de fontes, MACHADO (2003), indica que, com a pluralidade de fontes estabelecidas em graus primários, (relatos orais, declarações feitas em caráter oficial) ou secundários, (dados sistematizados, relatos escritos, documentos) há uma maior possibilidade do deslocamento do caráter da fonte para um patamar de domínio público. A crítica aqui é clara: um ataque à estreita dependência dos canais jornalísticos das fontes oficiais.

A ligação dessa questão, com a interface como forma de produção, no nosso ponto de vista, é válida, pois, justamente a diversidade das fontes apontadas se dá, a partir do momento em que temos uma base tecnológica de caráter de uso não especialista. Esse fator é central também no sentido de entendermos que, a partir do momento em que temos, no caso do jornalismo nas redes, essa ampliação das fontes através de interfaces, as mesmas deixam de ser meramente ferramentais para tornarem-se instrumentais¹³.

IV – Alguns exemplos e sua relação enquanto fonte aberta.

De certa forma, o surgimento do fenômeno dos *blogs*, concretiza o papel da simplificação da interface de produção. Sua utilização no campo do jornalismo tem sido ampla, e polêmica. Inicialmente, podemos indicar três relações da geração de informações pelos *blogs* com o jornalismo: a) Como consolidação de uma diversidade de fontes na qual, potencialmente, pode se encontrar *blogs* sobre todos os assuntos de relevância. Nesse sentido, trata-se de se operar na rede com um conjunto de representações e/ ou informações que por vezes não se tem acesso mesmo na vida cotidiana¹⁴; b) A disponibilidade,

¹³ A diferença conceitual reside no ponto em que um uso ferramental visa potencializar uma estratégia de produção já existente. Uma pá potencializa o uso da mão, uma escavadeira, potencializa o uso da pá, e assim por diante. Um uso instrumental não se orienta segundo características transpositivas, ou de transcodificação de uma prática em outra apenas pela potencialização. Um uso instrumental requer uma consolidação do campo de aprendizado de uso dos dispositivos, de forma que, os mesmos sejam operados dentro de suas características próprias. É justamente isso que nos faz crer que, a interface, no caso da pluralidade de fontes e da interatividade estabelecida entre jornal e leitor, já se constitui como forma cultural, e não somente um intermediário tecnológico. Para ter tal uso é necessário dominar as características presentes no modelo gráfico-visual presentes na interface.

¹⁴ Como exemplo vale conferir a matéria sobre “sexo casual”, publicada na edição mais recente (setembro de 2003) da revista Playboy. A apuração dessa matéria teve uma pesada dedicação a conferir *blogs* pessoais onde se verificassem relatos de blogueiros sobre o tema. Após uma primeira filtragem, os autores dos *blogs* foram contatados primeiramente através de e-mail, e depois por telefone e informados a respeito da matéria. Concordando com a publicação, desde que

concernente à relação entre os fatos e os valores-notícia, de pontos de vista alternativos, balanceando o horizonte da cobertura com aspectos e abordagens diferenciados¹⁵; c) a vazão, para o território dos *blogs*, de versões do trabalho de jornalistas, que, trabalham em órgãos consolidados, e, de alguma forma, utilizam o *blog*, ou de maneira complementar. Nesse sentido as represálias, por parte das empresas, são pesadas. A CNN, por exemplo, proíbe qualquer jornalista seu de manter *blogs*. A justificativa é para se evitar relatos conflitantes entre a versão do órgão e a do *blog*.¹⁶

Essa postura editorial se coloca dentro de uma perspectiva mais conservadora, onde a tentativa é desvalorizar o papel do *blog* por ele não ser produzido necessariamente por profissionais ligados a uma estrutura profissional e estabelecida, além de evocar a reserva de mercado profissional da área. Nossa hipótese para esse fenômeno se apóia em quatro fatores de cunho tecnológico e um mais próximo da cultura dos *blogs*. Do ponto de vista tecnológico, são eles: a) As ferramentas de publicação de conteúdo pessoal tornaram-se extremamente intuitivas, funcionais e usáveis.¹⁷ b) A disponibilidade de espaço para publicar, já está superada há algum tempo com os servidores gratuitos. c) Os programas para atualização são executados de forma remota, podendo ser ativados de qualquer computador conectado, pois “rodam” dentro dos navegadores. d) A gramática tecnológica exigida do usuário é extremamente simples se o mesmo possui alguma familiaridade com o ambiente da rede e do computador.

No aspecto da cultura do *blog* e, em relação com a forma cultural da produção via interface, vemos claramente a apropriação de parcelas do ciberespaço (a Internet) como um território livre para o estabelecimento de processos narrativos e discursos de caráter jornalístico. Dessa forma, surge uma produção não alinhada aos modelos dependentes das estruturas tradicionais de produção e circulação de conteúdo.

omitidos os nomes verdadeiros, os blogueiros confirmaram os fatos, gerando a fonte de boa parte das matérias. Cf. em: http://playboy.abril.uol.com.br/edicoes/0338/sexo/comportamento/sexo_casual1.html

¹⁵ Sobre esse aspecto há exaustivos exemplos. Desde a cobertura independente da guerra do Iraque, Cf. em: <http://www.warblogging.com> e <http://www.warblogs.cc/>. Esse último, um verdadeiro portal constituído por blogs de diversos autores.

¹⁶ Cf. Blogueiros assumem a cobertura da guerra no Iraque. Em: <http://informatica.terra.com.br/interna/0,5862,O199923-EI553,00.html>

¹⁷ Brevemente, as três funções citadas são entendidas dentro do seguinte contexto: Intuitividade, ou seja, embutir de forma clara no objeto a noção de seu uso. A função deve se fundir à forma. Uma cadeira não precisa dizer como ser usada. Usabilidade, Permitir que o objeto possua soluções para problemas reais. Um abridor de latas, por exemplo, cumpre o seu “contrato de uso” pois essa função está embutida na sua forma. Funcionalidade, ou seja, permitir que o objeto opere em condições dadas, conforme o seu projeto e dentro de um horizonte de eficiência e integração entre os sistemas. Por exemplo, espera-se que ao ligar um carro, o motor, o câmbio, etc. operem com certa eficiência.

V – À guisa de Conclusões.

De forma geral, podemos dizer que o jornalismo nasce de uma utilização específica de uma tecnologia disponível (a imprensa e as máquinas) exigida por um contexto social. Logo, é um produto que, para o seu campo específico de produção, convergem usos tecnológicos apropriados culturalmente.

O que apontamos nesse sentido, é que o desenvolvimento de interfaces dinâmicas, conforme trabalhado nesse texto, dentro das características específicas indicadas e juntamente com a apropriação social dessas mesmas tecnologias, promove, para o campo do jornalismo, condições para reconfiguração de alguns aspectos da sua rotina. A janela aberta pelo modelo de fonte aberta é uma dessas possibilidades criadas.

Mas, a consistência do jornalismo de fonte aberta, interagindo com os dispositivos tecnológicos, depende da validação dos métodos da relação entre esses fatores de inovação e a geração de notícias. Lacuna que, ao nosso ver, ainda não se consolidou, sobretudo, pelos dispositivos tecnológicos envolvidos não garantirem por si só, uma produção de conteúdo sem condicionamentos das práticas jornalísticas nos modelos pelas quais elas se consolidaram.

Essa inovação, no caso - a interface, sendo uma forma cultural e tecnológica emergente, apela para a facilidade de ser um recurso, que, claramente, simplifica os meios para as suas ações de produção, sem sacrificar o objetivo de gerar conteúdos. Trata-se de estabelecer modelos de interação homem-máquina, onde, a direção é libertar o usuário de níveis altos de dependência simbólica e domínio de gramáticas técnicas específicas.

Porém, a relação com a fonte, enquanto operação jornalística, ao nosso ver, permanece inalterada na sua função, ou seja, de alimentar referencialmente o campo da produção e fornecer subsídios para a interpretação da notícia. O que altera, e nisso está o impasse dos modelos de trabalhos atuais diante do excesso informativo, são os métodos de abordagem, apuração, tratamento e consolidação das fontes primárias ou secundárias. Nesse sentido, só podemos considerar o jornalismo de fonte aberta se ele garante um mínimo de consistência factível das informações. Fora isso ele não existe. Seria conservador, da nossa parte, restringir a validade da tendência tecnológica, engendrada nos dispositivos, ao caráter meramente institucional ou empresarial do contexto noticioso. É das ressalvas entre essas duas tensões que podemos extrair os elementos de enriquecimento para a produção em fonte aberta, que permitam um mínimo de unidade da operação narrativa dos fatos no jornalismo contemporâneo.

Referências on-line e bibliográficas.

BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. **Network Journalism: converging competences of old and new media professionals**, in: <<http://home.pscw.nl/deuze/pub/9.htm>> (23/07/2002).

CASTELLS, Manuel. **La Galáxia Internet. Reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad**. Barcelona: Plaza y Janés editores, 2001.

_____. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAN, Anita. **Colaborative News Network: Distributed Editing, Collective Action and the Construction of *Online* News on Sladshot.org**. <<http://web.mit.edu/anita1/www/thesis/Index.html>> (04/09/2003)

DEUZE, Mark. **The web and its journalism: considering the consequences of different types of newsmidia online**. Journalism studies: 2003. Disponível nos periódicos CAPES. <www.periodicos.capes.gov.br/> (18/08/2003)

FIDALGO, António. **Sintaxe e semântica das notícias on-line. Para um jornalismo assente em bases de dados**. Comunicação do GT de Jornalismo, do XII Congresso da COMPOS, Recife: 2003. Disponível em CD-ROM.

LANDOW, George. **Hypertext 2: the convergence of contemporary critical theory and technology**. Baltimore: The Johns Hopkins, 1997.

LASSICA, J.D. **Blogging as a form of journalism**. On line journalism review, 2002. <<http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958873.php>> (18/8/2003)

LEMOS, André L. M. **A Arte da Vida: Diários Pessoais e Webcams na Internet**. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociedade Tecnológica do X COMPÓS na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 04 a 07 de junho de 2002 e publicado no e-Book do Gt.

_____. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MIELNICKZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de doutorado. Facom-UFBA: 2003.

_____. **Las particularidades de la deontologia en el periodismo digital.** Facom – UFBA: 2002.
<<http://www.facom.ufba.br/jol/doc/Iberoperiodismo.doc>> (02/08/2003)

MORETZSOHN, Sylvia: **Jornalismo em tempo real: o Fetiche da velocidade.** Rio de Janeiro: Revan, 2002.

PADOVANI, Stephania. **Avaliação ergonômica e recomendações para o projeto de sistemas hipertextuais.** Estudos em Design, volume 1 - Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

PALACIOS, Marcos. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro.** Facom – Salvador: UFBA, 2001.
<http://www.facom.ufba.br/jol/doc/mapeamento_jol.doc> (14/08/2002).

PAVLIK, John Vernon. **Jounalism and new media.** New York: Columbia University Press, 2001.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Warblogs : Os Blogs, a Guerra no Iraque e o Jornalismo On-line.** PPGCOM/UFRGS: 2003 < <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf> > (12/09/2003)

REUTERS. **Blogueiros assumem a cobertura da guerra no Iraque.** Portal terra – informática, 10 de abril de 2003. <<http://informatica.terra.com.br/interna/0,5862,OI99923-EI553,00.html>> (17/08/2003)

SILVA, Jan Alyne. **Dos fanzines aos Weblogs: uma análise entre as semelhanças e diferenças entre os dois suportes.** Trabalho apresentado no XXV Intercom. <<http://www.intercom.org.br/papers/2002/np08/NP8SILVA2.pdf>> (12/08/2003).

SILVA JÚNIOR, José Afonso da . **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo.** Dissertação de mestrado. FACOM – UFBA, 2000.

STOCKING, Holly & GROSS, Paget. **How do journalist think? A proposal for the study of cognitive bias in newsmaking.** Eric clearinghouse on reading and communications skills - Bloomington: Indiana University, 1989.

SCWINGEL, Carla Andrea. **Comunicação e Criação na Internet: análise das equipes de desenvolvimento web e dos grupos de desenvolvimento de softwares.** Dissertação de mestrado, Facom-UFBA: 2002.